



METODOLOGIA DE ABORDAGENS DA SEXUALIDADE EM AMBIENTES ESCOLARES

Área Temática: Direitos Humanos

Alexandre Sebastião Ferrari Soares(Coordenador)¹

Charles Capelario²
Élio Jacob Henrich Junior³
Francieli Cristina Gessi⁴
Gustavo Henrique dos Reis⁵
Jonathan Chasko da Silva⁶
Jocimar Bertelli⁷
Loana Priscila Mangolin⁸
Luciane Soares Kelin Dutra⁹
Rayana Marcon¹⁰
Rodolfo César Mafra Previato¹¹
Thais Ariane Lima¹²

Modalidade: Oficina

Palavras-chave: Orientação sexual; Ambiente escolar; Minorias Sexuais; Direitos Humanos.

Resumo: Inúmeras questões em torno do tema da diversidade sexual tem invadido as nossas casas e escolas a partir do que circula nos meios de comunicação sobre o assunto. Nunca, na história da nossa sociedade, a diversidade sexual esteve tão presente, seja nos meios de comunicação, seja nas redes sociais em virtude dos embates que irrompem os discursos de

¹. Professor Doutor do curso de Letras Português Espanhol/Inglês/Italiano, CECA, campus Cascavel (asferrari@globo.com) (84028114, Rua Paraná, nº 4424, ap. 100, Centro, Cascavel).

². Graduando em Odontologia, CCBS, campus Cascavel

³. Graduando em Ciências Biológicas Licenciatura, CCBS, campus Cascavel

⁴. Graduanda em Engenharia Agrícola, CCET, campus Cascavel

⁵. Graduando em Ciências Biológicas Licenciatura, CCBS, campus Cascavel

⁶. Graduando em Letras Português/Espanhol, CECA, campus Cascavel

⁷. Graduando em Letras Português/Italiano, CECA, campus Cascavel

⁸. Graduando em Ciências Biológicas Licenciatura, CCBS, campus Cascavel

⁹. Graduando em Letras Português/Espanhol, CECA, campus Cascavel

¹⁰. Graduando em Letras Português/Inglês, CECA, campus Cascavel

¹¹. Graduando em Letras Português/Inglês, CECA, campus Cascavel

¹². Graduando em Enfermagem, CCBS, campus Cascavel

grupos diversos. Esta oficina tem por objetivo discutir a sexualidade no ambiente escolar a partir de diversas situações propostas pelo Programa de Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel. Esperamos contribuir para que se pensem, se discutam e se produzam soluções para os problemas propostos ao longo desta oficina. Este Grupo, por meio de documentos oficiais e de outras bases teóricas que discutem a sexualidade, pretende desconstruir preconceitos e estereótipos que circulam na nossa sociedade sobre a diversidade sexual e as suas práticas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta desta oficina é, entre outras, discutir as questões relacionadas à sexualidade no âmbito acadêmico/escolar de maneira que se possa pensar sobre os problemas enfrentados pelos sujeitos envolvidos e propor soluções para os possíveis conflitos que se instalam no ambiente escolar.

Para tanto, organizamos uma oficina para trabalhar com professores e ou alunos interessados na abordagem dessas questões que dizem respeito tanto aos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCNs) e Estaduais quanto à educação para a cidadania e o convívio harmônico entre os indivíduos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases 9394/1996, uma nova perspectiva deve atravessar a abordagem, na escola, de alguns temas presentes no nosso cotidiano com a finalidade de formar cidadãos críticos que possam refletir, discutir e solucionar possíveis problemas que girem em torno dos temas: a saúde, a pluralidade cultural, a ética, o meio ambiente e a orientação sexual.

No entanto, questões sobre a sexualidade e a orientação sexual, de uma forma geral, ainda são abordados, nos ambientes escolares, de maneira bastante tímida, sobretudo, no que diz respeito ao conhecimento teórico, fundamental, para os esclarecimentos e discussões em torno desses temas. Além disso, a maioria dos professores são mal preparados para lidar com o assunto, os alunos quase sempre não têm noção alguma sobre a própria sexualidade, alguns pais preferem silenciar esses temas já que não conseguem lidar de forma natural com eles. Sem falar dos tabus que reforçam estereótipos sobre os sujeitos, dos preconceitos diversos que silenciam discussões sobre o tema.

Diversos temas em torno da sexualidade estão ocupando os meios de comunicação nos dias atuais. O tema, portanto, está presente na ordem do dia nas mais diversas instâncias da nossa sociedade, seja por conta das manifestações pelos direitos, afirmações e visibilidades propostos pelos grupos minoritários, a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (doravante, LGBTT), seja pelos embates promovidos pelos grandes meios de comunicações entre grupos com interesses diversos (religiosos, defensores de direitos humanos, entre outros) ou seja pelo próprio interesse da escola em coloca na pauta de suas discussões esse tema.

Nós, integrantes do Programa de Defesa de Direitos Humanos LGBTT, programa aprovado pelo PROEXT/2011-MEC-SESu, estamos acompanhando essas discussões, porque elas nos dizem respeito, e pensando em estratégias para que se possa propor para a escola formas de discussões que coloquem os alunos/professores/pais e interessados também a par do que se discute nos meios de comunicação, principalmente.

Os discursos midiáticos têm papel fundamental na construção de sentido sobre a sexualidade do brasileiro e sobre a sexualidade de outros povos, uma vez que difundem uma pretensa ilusão de veracidade e objetividade, mitos construídos em torno do discurso jornalístico, sobre o que é significado. Dessa forma, o imaginário que circula nos jornais, revistas e TV produzem sentidos que cristalizam conceitos e preconceitos sobre o assunto.

Além disso, reconhecemos a força que a mídia tem na construção (circulação) do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos dá a medida da nossa singularidade, conferindo-nos a ilusão da unidade.

Sobre o aspecto pedagógico dos textos midiáticos, Beacco & Moirand (1995) conferem um aspecto didático aos discursos das mídias (sem mencionar diretamente o discurso jornalístico), já que, para transmitir informações sobre acontecimentos, eles aparecem atravessados por desenhos (mapas, figuras etc.), esquemas, além de definições, explicações, estatísticas, questionamentos e citações de autoridades (MARIANI, 1998, p. 61), enfocando, dessa forma, um acontecimento singular através de generalizações feitas a partir de um campo de saberes já estabelecido.

Os jornais falam sobre, portanto, explicam o mundo como se se encontrassem fora dele, ou seja, como se a função do jornal fosse apenas a de relatar os fatos tais quais se apresentam, efeito de literalidade, e, assim, reforçando aqueles mitos, mencionados acima, em torno do discurso jornalístico: veracidade, objetividade, neutralidade e imparcialidade.

A linguagem, portanto, passa a ser concebida (e vendida) apenas como um instrumento de comunicação de significações que são definidas independentemente do funcionamento da linguagem, mascarando, assim, a sua ligação com as práticas políticas.

Ao introduzir o meio de comunicação, como jornais e revistas para atividades pedagógicas, não se pode esquecer-se das próprias condições de produção das notícias e os efeitos de sentido decorrentes destas mesmas condições. Nesse sentido, deve-se buscar, um dos nossos objetivos aqui neste projeto, compreender como objetos simbólicos, por definição não-transparentes, produzem sentidos, e os gestos de interpretação realizados pelos sujeitos sobre o que se naturaliza em relação à sexualidade. (ORLANDI, 2002, p. 27).

A importância da imprensa, nos dias de hoje, sobretudo, se dá, também, quando os textos jornalísticos ganham mais espaços em sala de aula (em todos os níveis de escolarização), o que lhe confere um grande poder na constituição desse sentimento de identidade (citado acima) e ainda porque, presentes em sala de aula, auxiliam na educação, na divulgação dos sentidos que são construídos através da veiculação de textos.

2. OFICINA

2.1 INTRODUÇÃO

A oficina será realizada em duas etapas para, em seguida, discutir o tema a que se propõe. Primeiramente, será afixado na testa dos participantes desta oficina denominações que identificam cada um dos integrantes do grupo de minorias sexuais. Esta primeira etapa tem por objetivo identificar as situações de preconceitos, estereótipos e imaginário em relação à sexualidade. Busca-se atingir a perspectiva do olhar do Outro em relação à condição sexual a partir apenas do que se inscreve em cada uma das etiquetas coladas nas testas. A proposta é pensar o Outro somente pela perspectiva sexual.

FOUCAULT (1988) nos mostra que, a partir do século XIX, os sujeitos que não se comportavam de forma não-hegemônica em relação à sexualidade tornaram-se um personagem e a sua conduta passou a ser medida exclusivamente a partir da sua sexualidade.

Esses sujeitos, então, na perspectiva do modelo heterossexual tido como padrão em relação à sexualidade, era uma espécie desviante. E as práticas que fugiam ao padrão heteroerótico monogâmico eram condenadas, legitimando, no século XIX, a valorização do prazer entre homens e mulheres. A heterossexualidade tornou-se obrigatória, e a homossexualidade, por sua vez, tornou-se uma prática indesejada. Ser diferente significava ser anormal em oposição a ser heterossexual, fazendo com que os indivíduos outras 'orientações' fossem identificados por uma categoria da sexualidade, a saber, a homossexualidade.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: **subjacente a todas as suas condutas**, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular. **É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada** – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino (FOUCAULT: 1988, 43, grifos nossos)

O sujeito homossexual passa a ser produzido nos discursos médicos, sobretudo, a partir do lugar que a sua sexualidade ocupa na ordem do discurso: caráter, anatomia, comportamento etc., tudo passa pelo que sua sexualidade significa. Não há passado e nem presente fora das amarras sexuais. Os sujeitos homossexuais se transformaram em uma espécie e passaram à tutela da ciência médica, para curar, e da jurídica, para punir, em caso de resistência.

2.2 ESQUETE DO OUTING

Na sequência, os participantes assistirão um esquete, em tom de paródia, produzida em vídeo veiculado na internet. Neste vídeo, mãe e filho são colocados em uma situação na qual este finge ser homossexual ao atender uma ligação diante da mãe, que não sabe da brincadeira. O filho, então assume estar apaixonado por outro rapaz.

No começo, a mãe agride o filho verbalmente exigindo explicações. Essas agressões evoluem de verbais para manifestações físicas. Apesar do tom humorístico do vídeo, em virtude das reclamações satíricas do filho diante da reação de sua mãe, ele nos permite discutir/pensar um dos aspectos sociais pelos quais os sujeitos não-heterossexuais são expostos ao assumir a sua sexualidade. Quanta violência é veiculada todos os dias sobre a sexualidade?

O Grupo Gay da Bahia, a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil, divulgou o Relatório de Assassinato de LGBT de 2012. No ano passado, 338 homossexuais foram assassinados no país, o que significa uma morte a cada 26 horas. Os números mostram um aumento de 21% em relação a 2011, ano em que houve 266 mortes, e um crescimento de 177% nos últimos sete anos. Os homens homossexuais lideram o número de mortes, com 188 (56%), seguidos de 128 travestis (37%), 19 lésbicas (5%) e dois bissexuais (1%).

De acordo com o estudo, o Brasil está em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos, concentrando 44% do total de mortes de todo o planeta, cerca de 770. Nos Estados Unidos, país que tem cerca de 100 milhões a mais de habitantes que o Brasil, foram registrados 15 assassinatos de travestis em 2011, enquanto no Brasil, foram executadas 128.

A partir dessas preocupações, nos propomos encenar uma outra situação, um filho homossexual assumindo para o seu pai que é heterossexual com o objetivo de levar os

participantes a questionarem as forças e relações de preconceitos que agem em nosso cotidiano.

2.3 ATIVIDADE PRINCIPAL

A atividade consiste na exposição de situações corriqueiras, mas desafiadoras, para reflexão em grupo (a partir desse momento os participantes da oficina serão divididos em grupos). Tais situações acontecem ou poderiam ter acontecido em qualquer escola.

Divididos em grupos (de acordo com o número de participantes), irão receber, cada grupo, as situações corriqueiras por escrito para, em seguida, discutir e propor (por 10 a 15 minutos) soluções para cada uma delas.

Após a discussão, o grupo deverá eleger um ou mais representantes para expor de forma sintética a situação corriqueira e a solução proposta pelo grupo. Depois da explanação dos demais grupos, todos participarão de uma discussão geral para escolher a melhor abordagem. Além disso, os proponentes da oficina farão uma explanação acerca do tema “(homo)sexualidade”, abordando, principalmente, os sentidos de cada um dos membros do grupo LGBTT, objetivando a desmistificação de certos termos e clareando outros.

A seguir, um exemplo de situação, citada em BRASIL (2010, p.36):

Catarina tem faltado às aulas sistematicamente. Estranhei o fato porque, embora não seja uma aluna muito aplicada, sempre gostou da escola. Conversei com uma amiga dela e descobri que Catarina não tem vindo ao colégio porque está com medo. Ela tem recebido bilhetes com palavras ofensivas e ameaça de surras. Catarina é lésbica. Um grupo de meninas achou que ela as estava observando no banheiro, depois de uma aula de educação física. Os bilhetes são anônimos, mas Catarina suspeita que venham desse grupo de garotas. Num outro dia, ao entrar em sala, ouvi que ela estava sendo xingada de “sapatão” pelas colegas. O que nós podemos fazer para parar essa situação de amedrontamento que ela está vivendo?

O objetivo da atividade é discutir as situações de preconceito e discriminação que acontecem ou poderiam acontecer no ambiente escolar, de forma que as pessoas tornem-se mais sensíveis e atentas em relação às medidas que devem e/ou podem tomar para solucionar os problemas que irrompem dessas situações hipotéticas.

2.4 O CINEMA COMO FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Há algum tempo, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel, acontece a Mostra de Cinema da Diversidade Sexual, este ano de 2013, será a quarta edição. Essa mostra tem por objetivo, a partir de filmes selecionados, discutir a sexualidade em todas as suas formas de expressão. Nas duas primeiras edições foram apresentados seis (6) filmes, nas duas últimas edições, apenas 5 (a mostra acontece de segunda a sexta-feira). Para cada filme um debatedor promove a discussão em torno do tema. A sua função é, principalmente, instigar o público para que este possa participar ativamente do debate.

Em virtude do número de participantes e dos debates produzidos até o momento, consideramos que esta atividade pode ajudar na conscientização sobre as diversidades sexuais nas escolas. A lista de filmes abrangeu diversos temas, todos eles tornaram-se adaptáveis ao ambiente escolar e aos alunos.

Pretende-se explorar partes de filmes e/ou curtas metragens durante a oficina (a depender do tempo), a fim de que estes sejam levados às salas de aula e sejam meios de

discussão e aprofundamento sobre o tema aqui proposto. Ao fim das atividades, uma lista de filmes, indicados pelos organizadores do projeto, será distribuída.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos como resultado dessa oficina produzir discussão sobre o tema da sexualidade de forma que as pessoas interessadas possam repensar as suas práticas, refazê-las e multiplicar o conhecimento recebido.

Achamos que o preconceito também se adquire na sociedade e que ele é fruto, principalmente, do desconhecimento, da ignorância. Portanto, a nossa proposta com os jogos, com as discussões, com a apresentação de teoria, enfim, com todas as atividades é fazer com que se possa pensar sobre a sexualidade, sobretudo, na escola de maneira que essa reflexão possa deslocar e produzir novos conceitos.

Os PCNs são constituídos por um conjunto de propostas educativas, que visam “apontar as metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres”. “A proposta [...] para orientação sexual, de acordo com os PCNs, é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas” (BRASIL, 1998, p. 67).

Assim, as nossas propostas baseiam-se no princípio de que a escola deve tratar a sexualidade como um elemento essencial da vida de cada um em sociedade, tendo como principal objetivo a construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

- BEACCO, Jean-Claude e MOIRAND, Sophie. “**Autour des discours de transmission des connaissances**”. In Langages 117, Paris, Larousse, março 1995.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 1998
- BRASIL, Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Saúde e Prevenção nas Escolas: Diversidades Sexuais**. Brasília, 2010.
- BRASIL, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Legislação Federal.
- FERREIRA, M. G.S.; ARAÚJO, E. C. **Gênero E Sexualidade No Espaço Escolar – Considerações Sobre A Orientação Sexual**. Revista Gênero, Sexualidade e Educação. Rio de Janeiro, nº 23. 2005.
- FOUCAULT, Michel. (1988). **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo, editora Cortez, 2002.